

# ASPECTOS BASILARES DO INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO: CONCEITOS VYGOTSKYANOS REVISITADOS

Marcia Cristina Correa<sup>1</sup>  
Karoline Rodrigues de Melo<sup>2</sup>  
Vanessa Bianchi Gatto<sup>3</sup>

## **Abstract:**

*In this paper, we will revisit some Vygostkian concepts which underpin the theoretical framework of Socio-Discursive Interactionism (SDI), proposed by Bronckart. From a resumption of studies on Vygotsky about higher mental processes, we will seek to understand the relevance of social relations for language acquisition and, from this, for human psychological development, for their insertion on social activities, and, consequently, for their citizenship education.*

**Keywords:** Socio-Discursive Interactionism, Vygotsky, Social activities, Language, Interaction.

## INTRODUÇÃO

O Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) é uma corrente de pensamento filiada ao quadro epistemológico das Ciências Humanas, centrando-se basicamente na análise do funcionamento e da origem das condutas de linguagem dos seres humanos. A linguagem constitui o centro desse enfoque porque é entendida como instrumento fundamental para o desenvolvimento humano e para a mediação das atividades educativas necessárias a esse desenvolvimento.

A preocupação com as mediações formativas fez dessa teoria uma ciência de intervenção, já que se propunha a analisar, compreender e transformar situações problemáticas concretas da vida humana. A divulgação de uma proposta como esta em um contexto brasileiro de impactos educacionais foi suficiente para que as ideias do professor e pesquisador Jean-Paul Bronckart, principal teórico, saíssem da Universidade de Genebra e passassem a ser não só desenvolvidas, mas aplicadas, no Brasil.

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Letras Clássicas e Linguística, integrante da Linha de Pesquisa “Linguagem e Interação” do PPGL e coordenadora do Projeto de Pesquisa “Representações do Agir Docente” (UFSM) macrisco@gmail.com

<sup>2</sup> Aluna do 7º semestre do Curso de Letras – Português – e participante do Projeto de Pesquisa “Representações do Agir Docente” (UFSM) karol.rmelo@hotmail.com

<sup>3</sup> Aluna do 7º semestre do Curso de Letras – Português – e colaboradora do Projeto de Pesquisa “Representações do Agir Docente” (UFSM) vanessagatto@hotmail.com

Na primeira metade da década de 1990, quando o Brasil começava a enfrentar problemas no sistema educacional, chegaram ao país várias teorias sobre o processo de ensino-aprendizagem, dentre as quais a de Vygotsky. Buscando encontrar alguma conexão entre as diferentes proposições que se apresentavam e visando a trazer resultados mais profícuos para a educação, duas pesquisadoras da PUC/SP, Roxane H. Rojo e Maria Cecília C. Magalhães, tiveram contato com uma teoria que associava as ideias vygotksyanas aos aportes da linguística de texto: tratava-se do Interacionismo Sociodiscursivo.

Desde então, as ideias do ISD passaram a vigorar no país, mudando as concepções de linguagem, língua, texto e discurso até então existentes. Isso porque os pressupostos teóricos assinalavam a importância das *relações sociais* para a aquisição da linguagem e, simultaneamente, das atividades de linguagem para a inserção social dos indivíduos. A interação social pela linguagem ficava entendida, a partir disso, como verdadeiro caminho para a construção da cidadania, pois, na medida em que é responsável pelo desenvolvimento psíquico dos indivíduos, converte-os em sujeitos sócio-históricos.

Como podemos ver, o Interacionismo Sociodiscursivo busca compreender de uma forma mais ampla o complexo *funcionamento psíquico* e social dos seres humanos. A teoria defende o papel central que têm, no desenvolvimento dos indivíduos, as *atividades sociais* e os *processos de mediação* que as subjazem em um ambiente constituído pelos mais variados *pré-constructos*.

O ideário acima, por si só, é permeado de pressupostos que desvelam sua própria fonte epistemológica: Vygotsky. Os termos em destaque correspondem a conceitos-chave de sua teoria, os quais desejamos visitar a fim de ter mais bem esclarecidos os princípios fundadores do Interacionismo Sociodiscursivo.

## **CONCEITOS VYGOTSKYANOS: ALICERCES EPISTEMOLÓGICOS DO INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO**

Lev Semenovitch Vygotsky interessou-se especialmente em compreender os *processos mentais mais complexos* do ser humano, como a capacidade de fazer planos, de lembrar momentos, de pensar sobre coisas sem precisar visualizá-las; enfim, o uso de instrumentos psicológicos, os signos. Essa preocupação é comum à

que tem o ISD, na medida em que esta teoria também se interessa em compreender as funções psicológicas superiores (ou processos de pensamento acessíveis à consciência) do ser humano.

Tanto os processos mentais mais elementares quanto os superiores só são possíveis porque sempre há, na relação do homem com o mundo, a intervenção de um elemento intermediário. É o que Vygotsky denomina processo de *mediação*, o qual é visto também pelo ISD como um fator primordial no desenvolvimento humano, conforme veremos mais adiante.

Há dois tipos de processos de mediação: os que ocorrem através de *instrumentos* e os que se dão por meio de *signos*. Aqui, trataremos especificamente dos *signos* enquanto mediadores, pois, diferentemente dos instrumentos, que se voltam para fora do indivíduo provocando mudanças nos objetos, os signos são orientados para o próprio sujeito, dirigindo-se ao controle de ações psicológicas. Ademais, é das ações psíquicas, e não das concretas, que se ocupam os processos mentais superiores.

Os signos funcionam como mediadores das atividades psicológicas humanas porque são “interpretáveis como representação da realidade e podem referir-se a elementos ausentes do espaço e do tempo presentes” (OLIVEIRA, 2000, p. 30). Inicialmente, os signos constituem marcas externas de mediação, auxiliando o homem em atividades que demandam atenção e memória. Ao fazermos uma viagem, por exemplo, podemos recorrer a um mapa a fim de localizarmos um lugar específico. Em um dado momento, contudo, após percorrermos diversas vezes o mesmo trajeto, já não precisaremos do auxílio da marca externa do mapa, pois seremos capazes de guiarmo-nos mentalmente até o local almejado. O que acontece é que o signo que nos auxilia deixa de ser material para funcionar como uma representação *mental* que nos possibilita substituir os objetos do mundo real. Esse movimento em que as marcas externas se transformam em processos internos de mediação constitui, de acordo com Vygotsky, o processo de *internalização*.

O processo de internalização, contudo, só é possível porque, à medida que o indivíduo internaliza os signos que controlam as atividades psicológicas, ele desenvolve os *sistemas simbólicos*, que se caracterizam por organizar os signos em estruturas complexas e articuladas. De acordo com Oliveira:

Ao longo da história da espécie humana [...] as representações da realidade têm se articulado em sistemas simbólicos. Isto é, os signos não se mantêm como marcas externas isoladas, referentes a objetos avulsos, nem como símbolos usados por indivíduos particulares. Passam a ser signos compartilhados pelo conjunto dos membros do grupo social, permitindo a comunicação entre os indivíduos e o aprimoramento da interação social. (OLIVEIRA, 2000, p. 36).

A linguagem é o sistema simbólico por excelência dos grupos humanos e, enquanto sistema simbólico, é socialmente estabelecida. Desde o nascimento, o indivíduo se insere em um meio formado, constituído e organizado por signos que já possuem significados dados social e culturalmente. Apropriando-se desse sistema simbólico que estabelece a mediação entre ele e o mundo, o indivíduo torna-se capaz de perceber e organizar a realidade que o cerca.

Para Vygotsky, “o uso de signos conduz os seres humanos a uma estrutura específica de comportamento que se destaca do desenvolvimento biológico e cria novas formas de processos psicológicos enraizados na cultura” (VYGOTSKY, 1998, p. 54). O surgimento da linguagem enquanto sistema de signos representa, portanto, um momento decisivo no desenvolvimento do ser humano; pelo paralelo que Vygotsky estabelece entre a filogênese e a ontogênese, podemos dizer que representa a ocasião em que o homem deixa de ser meramente biológico para ser sócio-histórico. Entendamos melhor essa relação:

Vygotsky observa que, tanto na evolução da espécie humana quanto no desenvolvimento de um indivíduo, o pensamento e a fala têm origens distintas e desenvolvem-se a partir de trajetórias independentes até o momento em que ocorre a ligação entre ambos. Antes de estabelecida a associação, o que há é uma fase pré-verbal do desenvolvimento do pensamento e uma fase pré-intelectual do desenvolvimento da fala. Assim, uma criança, de maneira análoga a certos animais, possui uma espécie de inteligência prática que revela o uso do pensamento voltado para a ação, sem a mediação da linguagem (como quando ela dá a volta num móvel para buscar um objeto que caiu atrás dele); é o que configura a fase pré-linguística do pensamento. Do mesmo modo, ainda nesse período de seu desenvolvimento, a criança faz uso de manifestações verbais (como o choro, o riso) mesmo sem o domínio da linguagem enquanto sistema simbólico, configurando então a fase pré-intelectual da fala, desprovida da função de signo.

Em um determinado momento (em analogia ao que ocorreu na evolução da espécie), as linhas da fala e do pensamento unem-se, justamente quando a criança

descobre a função simbólica dos signos, quando adquire a linguagem propriamente dita ou, nas palavras de Vygotsky, quando aprende “que cada coisa tem um nome” (VYGOTSKY, 1991, p. 37). As necessidades e atitudes do ser humano deixam de ser somente biológicas para serem sócio-históricas, porque é o pensamento linguístico, mediado pelo sistema simbólico, que passa a predominar nas suas ações psíquicas, transformando os indivíduos em sujeitos constituídos na e pela linguagem.

O que vai provocar esse salto qualitativo para o pensamento verbal é a inserção da criança no grupo social, é a interação com um grupo cultural que já possui seus sistemas de representação estabelecidos. O ambiente social, nesse caso, é muito mais do que um cenário para a vida individual. Conforme Oliveira, quando Vygotsky fala da dimensão sociocultural do desenvolvimento humano:

[...] não está se reportando apenas a fatores abrangentes como o país onde o indivíduo vive, seu nível socioeconômico, a profissão de seus pais. Está falando, isto sim, do grupo cultural como fornecendo ao indivíduo um ambiente estruturado, onde todos os elementos são carregados de significado. Toda a vida humana está impregnada de significações (...). (OLIVEIRA, 2000, p. 37).

Nesse sentido, vemos que tanto o processo de internalização quanto o processo de desenvolvimento dos sistemas simbólicos (desenvolvimento da linguagem, portanto) evidenciam o papel fundamental do ambiente social, haja vista que a criança só internaliza a partir da mediação do outro. A proposta do ISD converge fortemente para esse ponto, já que defende que

o desenvolvimento dos indivíduos *ocorre em atividades sociais*, em um meio constituído e organizado por diferentes pré-construídos e através de processos de mediação, sobretudo os linguageiros. Com isso, desde seu nascimento, eles podem ir *se apropriando desses pré-construídos sociais, o que permite seu desenvolvimento*. (MACHADO, 2009, p. 47-48). (Grifo nosso)

Fica claro, então, que é o domínio dos signos internos que garante uma mudança qualitativa dos processos mentais do indivíduo, possibilitando o desenvolvimento social, cultural e intelectual dos grupos humanos ao longo da história. A interação com os outros membros da cultura, assim, é basilar para o desenvolvimento psicológico do ser humano, pois é por meio dela que o homem interioriza os signos socioculturais pré-estabelecidos. Importa fazer uma ressalva sobre o modo como Vygotsky entende a cultura:

A cultura não é pensada por Vygotsky como algo pronto, um sistema estático ao qual o indivíduo se submete, mas como uma espécie de 'palco de negociações', em que seus membros estão num constante movimento de recriação e reinterpretação de informações, conceitos e significados. A vida social é um processo dinâmico, onde cada sujeito é ativo e onde acontece a interação entre o mundo cultural e o mundo subjetivo de cada um. [...] O processo pelo qual o indivíduo internaliza a matéria prima fornecida pela cultura não é, pois, um processo de absorção passiva, mas de transformação, de síntese. (OLIVEIRA, 2000, p. 38).

A concepção que Vygotsky tem acerca da cultura deixa transparecer a influência marxista que perpassa seus estudos. Quando o autor traz à tona o conceito de síntese elaborado por Marx, entende que o homem não é mero produto do meio, mas um agente que interage com esse ambiente social e cultural. A partir do momento em que domina os sistemas de representação da realidade, torna-se capaz de operar sobre o mundo, transformando-o. O Interacionismo Sociodiscursivo, sendo tributário da vertente vygotskyana, não deixa de considerar esse aspecto, pois atesta que a apropriação das convenções sociais, "dialeticamente, lhes permite [aos indivíduos] contribuir para a transformação permanente dos pré-construídos" (MACHADO, 2009, p. 48).

Vygotsky considera o entendimento desse processo de síntese fundamental para a compreensão do processo de desenvolvimento do ser humano. É o mecanismo da síntese que permite ao indivíduo *transformar as formas externas e interpessoais* dadas pela cultura *em atividades internas e intrapessoais*. Esse movimento deixa evidente a necessidade da primazia do *social* para o desenvolvimento *individual*, indicando que o processo de desenvolvimento do ser humano se dá "de fora para dentro". Conforme Vygotsky:

Todas as funções psicointelectuais superiores aparecem duas vezes no decurso do desenvolvimento da criança: a primeira vez nas atividades coletivas, nas atividades sociais, ou seja, como funções intersíquicas, a segunda, nas atividades individuais, como propriedades internas do pensamento da criança, ou seja, como funções intrapsíquicas. (VYGOTSKY, 1988, p. 114).

Isso significa que, inicialmente, a criança pratica ações externas, as quais serão interpretadas pelos adultos que com ela convivem, de acordo com os significados estabelecidos culturalmente. A interpretação do outro possibilita que a criança atribua significados a suas próprias práticas e desenvolva processos psíquicos inter-

nos que possam ser interpretados por ela mesma e por seu grupo cultural com base nos códigos compartilhados pelos membros desse grupo.

Esse movimento descendente (do social para o individual) perpassa constantemente os estudos vygotskyanos relativos aos processos mentais superiores. As próprias funções que o autor confere à linguagem desvelam a excelência do fator social, já que ele considera o *intercâmbio social* como função primeira: é a necessidade de comunicação com o outro que impulsiona o desenvolvimento da linguagem. A capacidade de *organizar o real* é relegada à segunda função da linguagem: a de ser pensamento generalizante, que agrupa os elementos do mundo sob uma mesma categoria conceitual. A necessidade social, portanto, precede a necessidade individual.

Vygotsky ainda apresenta três estágios do desenvolvimento da fala na criança que corroboram a ideia de que a função da linguagem de comunicar antecede sua função de organizar o pensamento. Num primeiro estágio, na fase de aquisição da linguagem, a criança se utiliza da linguagem externa disponível em seu meio a fim de estabelecer comunicação: nisso consiste a *fala exterior*. O ápice da internalização da cultura é o terceiro e último estágio, o da *fala interior*, quando a criança, tendo se apropriado absolutamente da linguagem, deixa de utilizá-la apenas com a função de comunicar para utilizá-la como instrumento de pensamento. A fala intersíquica (externa), dá lugar à fala intrapsíquica (interna); novamente: primeiro vem a necessidade social: comunicar-se, depois a necessidade individual: organizar o pensamento.

Contudo, o ponto fundamental que atesta o movimento descendente do processo de desenvolvimento humano é o estágio da *fala egocêntrica*, momento de transição entre da fala exterior e para a fala interior:

Num certo momento do seu desenvolvimento, a criança passa a se utilizar da linguagem egocêntrica, falando alto para si mesma, independentemente da presença de um interlocutor. A fala egocêntrica acompanha a atividade da criança, começando a ter uma função pessoal, ligada às necessidades do pensamento. É utilizada como apoio ao planejamento de sequências a serem seguidas, como auxiliar na solução de problemas. Para Vygotsky, o surgimento da fala egocêntrica, com essa função claramente associada ao pensamento, indica que a trajetória da criança vai, de fato, dos processos socializados para os processos internos. (OLIVEIRA, 2000, p. 52).

O ISD, coerente com seus pressupostos teóricos básicos, também parte de uma abordagem descendente para elaborar seu procedimento metodológico, avali-

ando o movimento que vai do social para o individual: primeiramente, examina as características organizacionais e funcionais do pré-construídos existentes na *sociedade*; depois os sistemas educacionais que organizam a transmissão dos pré-construídos às novas gerações e, por último, os mecanismos de apropriação por meio dos quais os *indivíduos* constroem seus conhecimentos de mundo e sua condição de ator ou pessoa. (MACHADO, 2009, p. 48). Assim, centra-se “sobre os efeitos específicos da história coletiva humana e sobre a transformação permanente e correlativa dos fatos sociais, de um lado, e dos fatos psicológicos, de outro” (BRONCKART, 2006, p. 126).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os conceitos vygotskyanos tratados neste artigo revelam-se, conforme pudemos observar, fundadores da teoria sociointeracionista proposta por Bronckart. A convergência essencial entre as duas abordagens reside no modo como entendem o desenvolvimento humano, haja vista o papel primordial que atribuem, nesse processo, às atividades sociais e à conseqüente apropriação dos sistemas simbólicos: se o ambiente social, ao atribuir significação às ações da criança, promove sua socialização, é por meio da linguagem que ocorre sua inserção definitiva nas práticas sociais.

Para o Interacionismo Sociodiscursivo, a linguagem assume, de maneira ainda mais significativa, um papel fundador no desenvolvimento humano, uma vez “é ela que organiza, regula e comenta as atividades humanas e é por meio dela que se constrói uma ‘memória’ dos pré-construídos sociais” (MACHADO, 2009, p. 48). A mediação, como em Vygotsky, também tem aqui importância central, já que “é por processos de mediação, sobretudo os languageiros, que esses pré-construídos são apropriados e transformados pelos indivíduos” (idem).

Quando observamos que Vygotsky defendia que é na e pela linguagem que o homem deixa de ser um indivíduo biológico para tornar-se sujeito sócio-histórico, não nos restam dúvidas do quão importante é sua contribuição para a fundação dos pressupostos básicos do ISD. Desse modo, consideramos que, ao trazer uma exposição clara e objetiva de conceitos-chave de Vygotsky, este artigo cumpre com seu objetivo e traz contribuições para os estudos interacionistas, pois ainda que de forma

simples e sem maiores pretensões, abordou aspectos que importam sobremaneira para as discussões iniciais acerca do Interacionismo Sociodiscursivo.

## REFERÊNCIAS

BRONCKART, J. P. Os gêneros de texto e os tipos de discurso como formatos das interações propiciadoras de desenvolvimento. In: **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. MACHADO, A. R.; MATENCIO, M. L. M. (Trads. e Orgs.). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.

MACHADO, A. R. Colaboração e crítica: possíveis ações do linguista na atividade educacional. In: **Linguagem e educação: o ensino e a aprendizagem de gêneros textuais**. TARDELLI, L. S. A.; CRISTÓVÃO, V. L. L. (Orgs). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico**. São Paulo. Scipione, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem**. Trad. CAMARGO, J. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S. et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone; EDUSP, 1988.